

Museo Casa, Casa Museo: un estudio comparativo del Museo Evita (Buenos Aires-AR) y la Casa Museo João Ribeiro (SE-Brasil).

Mello y Janaina.

Cita:

Mello y Janaina (2013). *Museo Casa, Casa Museo: un estudio comparativo del Museo Evita (Buenos Aires-AR) y la Casa Museo João Ribeiro (SE-Brasil)*. XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-010/855>

**XIV Jornadas
Interescuelas/Departamentos de Historia
2 al 5 de octubre de 2013**

ORGANIZA:

Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras

Universidad Nacional de Cuyo

Número de la Mesa Temática: 101

Título de la Mesa Temática: Colecciones, coleccionistas y museos en la conformación de campos disciplinares en la Argentina

Apellido y Nombre de las/os coordinadores/as: PUPIO, Alejandra; BLASCO, María Elida; BERMEJO, Talia.

**MUSEO CASA, CASA MUSEO: UN ESTUDIO COMPARATIVO DEL MUSEO
EVITA (BUENOS AIRES-AR) Y LA CASA MUSEO JOÃO RIBEIRO
(SE-BRASIL).**

*Mello, Janaina Cardoso
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
janainamello@uol.com.br*

*Oliveira, Hildênia Santos
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
hildeniade@bol.com.br*

Resumo: O museu é um instrumento poderoso para nos ajudar a pensar sobre as características do ser humano. Espaço de reflexão e encontro com a cultura educativa, é também um lugar de construção de representações sociais. Pensar o museu casa ou a casa museu pressupõe compreender a missão de transmitir ao visitante um ambiente mais intimista, todavia pensado e elaborado para ser um museu. Mas são também esses espaços lugares de memória de personalidades que forjam o ideário da nação. Assim, a comunicação pretende realizar um estudo comparativo da museografia do Museu Evita Perón (Argentina) e da Casa Museu João Ribeiro (Brasil) na construção de um imaginário social. Para isso será apresentado o estudo comparativo da história institucional, das plantas baixas, da tipologia do acervo, da expografia e expologia, da acessibilidade e do estudo de público das duas instituições. A pesquisa segue a linha da Museologia como construtora de uma narrativa de mundo. Tanto o museu quanto a História se constituem por meio do discurso que tenta unir o real ao modelo ideal. Pensar o Museu em sua relação com a História implica ainda considerar as temporalidades, a tradição, a inovação e seu papel como comunicador social. E dentro dessa perspectiva cabe interrogar “como os objetos e coleções atuam enquanto semióforos nesse ambiente de Museu Casa ou Casa Museu?” Além dessas possibilidades, compreender o público que se apropria da mensagem desses museus como agentes receptores mas também recriadores confere valor de sujeito ativo no processo de mediação cultural entre o museu, a História e a sociedade. O trabalho é resultado de pesquisa empírica a partir de uma visita técnica realizada no Museu Evita, em Buenos Aires, em 2012, apoiada pela Secretaria Estadual de Cultura de Sergipe (SECULT) e de trabalhos realizados junto à Casa de Cultura João Ribeiro, na cidade de Laranjeiras – SE, ao longo de 2011 e 2012. Como norte teórico optou-se pelas leituras de Pierre Nora, Roberto DaMatta, Benedict Anderson, Marília Xavier Cury, dentre outros. A metodologia utilizada centrou-se no estudo comparativo e na análise semiótica.

Abstract: The museum is a powerful instrument for us help to think about as characteristics human being. Space to reflexión and meeting with the educational culture, It is also a place of construction of social representations. Think of the Museum House or House Museum assumes understand the mission to convey to the visitor a more intimate environment, however thought and designed to be a museum. But these spaces are also places of memory of personalities that forge the nation's ideals. So, article intends to carry out a comparative study of the museography of the Museum Evita Perón (Argentina) and the House Museum João Ribeiro (Brazil) in the construction of a social imaginary. For this will be presented the comparative study of the institutional history of floorplans, the typology of the acquis, and expologia expographic, and accessibility of the public study of the two institutions. The search follows the line of museology as a builder of a narrative of the world. Both the Museum and the story are through the speech that attempts to meld the real to the ideal model. Think of the Museum in its relationship with the story implies still consider the temporalities, tradition, innovation and his role as social communicator. And within this perspective fits question “how objects and Collections Act as semióforos in this environment of Cottage or House Museum Museum?” In addition to these possibilities, understand the audience who appropriates such museums as agents message receivers but also gives recriadores value of active subject in the process of cultural mediation between the Museum, history and society. The work is the result of empirical research from a technical visit carried out at the Museum Evita, in Buenos Aires, in 2012, supported by the State Secretariat of Culture of Sergipe (SECULT) and of the work carried out by the House Museum João Ribeiro, in the Laranjeiras city, over the course of 2011 and 2012. As North opted for theoretical readings of Pierre Nora, Roberto DaMatta, Benedict Anderson, Marília Xavier Cury, among others. The methodology used focused on the comparative study and in semiotic analysis.

Introdução

O museu é um instrumento poderoso para nos ajudar a pensar sobre as características do ser humano. Espaço de reflexão e encontro com a cultura educativa, é também um lugar de construção de representações sociais, enquanto:

[...] modalidades de conhecimento prático orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideológico em que vivemos. São formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos (imagens, conceitos, categorias, teorias), mas que não se reduzem apenas aos conhecimentos cognitivos. Sendo socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, possibilitando a comunicação entre os indivíduos. Dessa maneira, as representações são fenômenos sociais que têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção, isto é, a partir das funções simbólicas e ideológica a que servem e das formas de comunicação onde circulam.¹

E se o museu muitas vezes é percebido como uma “casa de memórias”, retomar a definição de casa proposta pelo antropólogo Roberto DaMatta abre uma outra possibilidade interpretativa. A Casa como lugar da calma, da tranqüilidade, do lar e da morada, constituída por pessoas iguais que orbitam na idéia de um destino em conjunto, com objetos e valores que emanam da tradição. Seu significado subjetivo é protegido com honra, com o cuidado dos bens e seus membros. Não corporifica apenas um lugar físico mas sim um espaço da moral e onde esta ressoa com força. A casa enquanto lugar de amor filial e familiar está sempre de portas abertas para aquelas pessoas queridas. Cada uma revela sua personalidade, e mesmo aquelas que são iguais, são diferentes pelo valor que cada confere a ela. Não contém apenas pessoas do mesmo sangue, tem sempre aquele agregado vindo de terras longínquas ou um amigo em dificuldade e etc. Casa, um elemento personalista de identidade em contraste com prisões, pensões, hotéis etc. onde nada é singular, tudo é de todos, sob o formato de um “comunismo despersonalizante”. Na casa temos tudo, somos alguém com reconhecimento, respeito, um mundo à parte, onde o tempo não se mede pelo relógio e sim pelo envelhecimento das coisas.²

Por essa razão, o objetivo principal dessa pesquisa centra-se na discussão da museografia institucional como vetor de uma simbologia política de construção da memória e/ou de esquecimento.

Pensar o museu casa ou a casa museu pressupõe compreender a missão de transmitir ao visitante um ambiente mais intimista, todavia, pensado e elaborado para

¹ JODELET *apud* ALEXANDRE, Marcus. Representaçãp social. A genealogia de um conceito. In: **Comum**, Rio de Janeiro, vol.10, nº 23, julho/dezembro de 2004, p.131.

² DAMATTA, Roberto. **A Casa & A Rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ser um museu. Mas são também esses espaços lugares de memória³ de personalidades que forjam o ideário da nação.

The house Museum is not the same as a country house, or palazzo; but a country house, such as Sir Walter Scott's Abbotsford, or a palazzo, such as the Bagatti Valsecchi, can be a House Museum. The House Museum is not the same as a Historical Museum. But some Historical Museums are also, or at least began as, House Museums... The House Museum is not the same as an artist's House. But certain artists' houses were certainly conceived as House Museums, such the Soane Museum, or the Maison Pierre Loti. The House Museum is not the same as a collector's house. But a collector's House, like Kettle's Yard, can become a House Museum⁴.

Assim, esse artigo pretende realizar um estudo comparativo da museografia do Museu Evita Perón (Argentina) e da Casa Museu João Ribeiro (Brasil) na construção de um imaginário social. Para isso será apresentado o estudo comparativo da história institucional, das plantas baixas, da tipologia do acervo, da expografia e expologia, da acessibilidade e do estudo de público das duas instituições.

A pesquisa segue a linha da Museologia como construtora de uma narrativa de mundo. Tanto o museu quanto a História se constituem por meio do discurso que tenta unir o real ao modelo ideal.

Pensar o Museu em sua relação com a História implica ainda considerar as temporalidades, a tradição, a inovação e seu papel como comunicador social. E dentro dessa perspectiva cabe interrogar “como os objetos e coleções atuam enquanto semióforos nesse ambiente de Museu Casa ou Casa Museu?”

Além dessas possibilidades, compreender o público que se apropria da mensagem desses museus como agentes receptores mas também recriadores confere valor de sujeito ativo no processo de mediação cultural entre o museu, a História e a sociedade.

O trabalho é resultado de pesquisa empírica a partir de uma visita técnica realizada no Museu Evita, em Buenos Aires, em 2012, apoiada pela Secretaria Estadual de Cultura de Sergipe (SECULT) e de trabalhos realizados junto à Casa de Cultura João Ribeiro, na cidade de Laranjeiras – SE, ao longo de 2011 e 2012.

Segundo

³ Partindo-se da premissa de que “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais” In: NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP. N° 10, 1993, p.13.

⁴ BANN, Stephan. “A Way of Life: Thoughts on the Identity of the House Museum”, *Historic House Museums Speak to the Public: Spectacular Exhibits versus a Philological Interpretation of History*, **Actas da Conferência Annual**. Demhist – Génova, Demhist: ICOM, 2001, p.20.

A comparação neste momento – diante do desafio ou da necessidade – impõe-se como método. Trata-se de iluminar um objeto ou situação a partir de outro, mais conhecido, de modo que o espírito que aprofunda esta prática comparativa dispõe-se a fazer analogias, a identificar semelhanças e diferenças entre duas realidades, a perceber variações de um mesmo modelo.⁵

Logo, a escolha por esses dois objetos de pesquisa e análise – *à priori* muito distintos em gênero, perspectiva ideológico-museográfica e geografia – se deu em função de primeiro, na Argentina, a força simbólica de Eva Perón e sua representação social no Museu age na luta pela memória contra as forças políticas do esquecimento.

Já no Brasil, na cidade de Laranjeiras-SE, embora haja toda uma política dos governantes locais em ressaltá-la como a “Atenas sergipana”, as instituições museais e particularmente a Casa Museu João Ribeiro sofrem com o profundo descaso das autoridades estaduais. A ausência de investimento na conservação das bases estruturais do prédio onde viveu um importante intelectual sergipano que projetou-se nacional e internacionalmente contrasta-se com as ações de um esquecimento banalizado na própria escolha de gestores que não possuem qualquer formação acadêmica ou técnica para responderem às demandas institucionais e populares.

Como norte teórico optou-se pelas leituras de Pierre Nora, Roberto DaMatta, Benedict Anderson, Marília Xavier Cury, Gérard Collomb, Tereza Scheiner, Michel Certeau, dentre outros. A metodologia utilizada centrou-se no estudo comparativo e na análise semiótica.

O trabalho metodológico com as imagens encontra um guiamento técnico no trabalho de Kossoy⁶ que compreende a fotografia como elemento de subsídio à pesquisa a partir do momento em que se dimensionam seu: assunto; fotógrafo; tecnologia e coordenadas de espaço e tempo. Implementando ainda uma leitura semiótica da imagem capaz de decodificar os signos presentes na fotografia⁷, uma vez que “é uma unidade de manifestação auto-suficiente, um todo de significação — um texto ou discurso, então — suscetível de análise”⁸.

⁵ BARROS, Jose D’Assunção. História comparada – da contribuição de marc bloch à constituição de um moderno campo historiográfico. In: **História Social**. Campinas-SP, nº 13, 2007, p.10.

⁶ KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989, p.24.

⁷ Cf. FERRARA, Lucrécia D’Aléssio. **Ver a cidade**. Cidade, imagem, leitura. São Paulo: Nobel, 1988; MASCARO, Cristiano. **A fotografia e a arquitetura**. Dissertação de Mestrado/Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo: FAU-USP, 1994.

⁸ Cf. CARDOSO, Ciro F.; MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do Cinema. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 401-417.

De María à representação social de Evita

Eva María Duarte de Perón, nasceu em General Viamonte na Província de Buenos Aires em 07 de maio de 1919, quinta filha de uma relação extraconjugal da costureira Juana Ibarguren com o estancieiro Juan Duarte. Sua infância em Los Toldos e depois em Junin foi humilde. Mas aos dezesseis anos decidiu-se por seguir a carreira artística em Buenos Aires onde despontou como atriz de radionovelas, desenvolvendo seu talento para comunicar-se com as massas, sensibilizando-as em meio aos apelos coletivos.

Desde 1943, participava da Associação de Trabalhadores das Rádios Argentinas, em uma atividade político-sindical que encaminhou seu destino em 1944, quando ao participar de um ato em auxílio das vítimas do terremoto que destruiu a cidade de San Juan conheceu Juan Domingo Perón, uma forte liderança na Secretaria do Trabalho.⁹

Cinco meses após se conhecerem Eva e Juan foram morar juntos até que em 22 de outubro de 1945 casaram-se no registro civil. Com uma imagem extremamente popular na Argentina, Eva apresentava-se da seguinte forma:

Soy una mujer de vosotras, madres, esposas, novias y hermanas... de mi salió el hijo que está en los cuarteles o el obrero que forja una Argentina nueva, en tierra, mar y aire. Veo las gentes moverse y esa gran unidad de sangre y carne que es un pueblo, echarse a un camino, bajo la conducción de los nuevos y vigorosos líderes de la revolución que ha llegado al recinto inviolable del alma...Marchan ya...sí, marchan hacia un futuro mejor.¹⁰

Eva Duarte de Perón, tornou-se conhecida mundialmente como “Evita” e também com “mãe dos pobres”, configurando-se como uma das mulheres mais importantes da história da Argentina, transformada em mito.

In 1946, when Dona Maria Eva Duarte de Peron began to take an active part in Argentine politics, First Ladies were expected to remain in the background, running a few charities and attending an occasional ceremonial function. Voting in national elections was restricted to male adults, which remained true until 1951. Except for a small number of activists engaged in the Socialist and Communist parties, women generally showed little concern for politics. However, three years later, she had become both Eva Peron, Argentina's widely

⁹ DÍAZ, Martha Susana. **Mulher e Poder**. O caso de Eva Perón na política argentina. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2005.

¹⁰ BORRONI, Otelo; VACCA, Roberto. **Eva Perón**. Vida y milagros de nuestro pueblo. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1970, pp.75-76.

known First Lady, and “Evita”, the charismatic abanderada de los descamisados, the standard-bearer of the shirtless ones.¹¹

Juan Perón foi eleito em 1946, com grande aceitação da população, tornando-se presidente depois de um longo período de ditadura na Argentina. Como primeira-dama Evita teve um papel importante na presidência de seu marido, trabalhando para a consolidação dos direitos dos mais necessitados: os pobres, os trabalhadores, os idosos e as mulheres. Todavia, em 1955 o governo peronista sofre um golpe militar, antes mesmo do fim de seu primeiro mandato.

O legado de Evita e Juan Perón cristalizou-se na construção de doze hospitais em todo o país, mais de mil escolas, universidades e casas de apoio para para abrigar mulheres e crianças até que encontrasse trabalho e casa para morar, um lugar de acolhimento onde poderiam permanecer com alimentação, vestimentas e alojamento.

A Fundação Evita Peron ajudou incansavelmente a cada grupo. Aos mais velhos foram assegurados o direito à assistência médica, uma casa, comida e roupas. Também preocupando-se com a reforma do sistema prisional, especialmente o feminino.

Morreu vítima de um câncer no útero aos 33 anos de idade e seu funeral foi um dos maiores cortejos do país, sendo o corpo de Evita embalsamado e deixado exposto até 1955. Com o golpe militar, seu corpo foi roubado e levado para Milão, Itália, somente fazendo o traslado de volta para casa em 1971, onde hoje encontra-se sepultado no Semitério da Ricoleta, sendo seu túmulo o mais visitado.

O golpe político-militar de 1955, que derrubou o regime do presidente Perón, comprometeu-se a destruir tudo o que estava relacionado com o trabalho da Fundação Evita Perón. Por isso, o Museu Evita, surgido na virada do milênio, constituiu-se como um dos mecanismos mais fortes para a retomada dessa memória contra as ações de um esquecimento planejado pelos algozes da liberdade pública na Argentina.

Museu Evita e sua versão da nação argentina musealizada

O Museu Evita foi inaugurado em 26 de julho de 2002, em Buenos Aires, como um museu em homenagem à memória de Eva María Duarte Perón. A data marcou os cinquenta anos da morte da mulher mais famosa e polêmica que revolucionou a história da Nação Argentina.

¹¹ NAVARRO, Marysa. The Case of Eva Peron. *Signs*, Vol. 3, No. 1, Women and National Development: The Complexities of Change (Autumn, 1977), p.229. In: <http://www.jstor.org/stable/3173094> (Acesso em: 30/04/2013).

O museu está situado na rua Lafinur, nº 2988, no Bairro de Palermo, em um prédio de três pisos, construído pela família Carabassa, chamado “Casa Carabassa”. A casa do Instituto e Museu, construída em 1923 pelo arquiteto Estanislao Pirovano, foi declarada Lugar Histórico Nacional pelo Decreto nº 349/99:

[..] Que, por el expediente de referencia, la COMISION NACIONAL DE MUSEOS Y DE MONUMENTOS Y LUGARES HISTORICOS propone la declaración como bienes patrimoniales, de acuerdo a la tipología que en cada caso se especifica, de los inmuebles que a continuación se detallan, atento a que los mismos han sido incorporados con ese carácter en el Registro de Bienes a cargo de la citada Comisión, y en un todo de acuerdo con las disposiciones del artículo 4º de la Ley Nº 12.665 y de los artículos 3º, inciso 1) y 5º de su Decreto Reglamentario Nº 84.005 del 7 de febrero de 1941 y modificatorios.

[...]

Que la casa que don José CARABASSA encargó en el año 1923 al arquitecto Estanislao PIROVANO se inscribe arquitectónicamente en la llamada corriente de restauración nacionalista, que conjuga elementos platerescos y del renacimiento italiano en un desarrollo de tres niveles y torre.

Que tuvo sucesivos propietarios hasta que, en 1948, fue adquirida por el Estado Nacional para la Fundación de ayuda social María Eva Duarte de PERON, más adelante FUNDACION EVA PERON, destinándose al Hogar de Tránsito Nº 2, para acoger a aquéllos que carecían de vivienda y brindarles asistencia espiritual, material y moral.¹²

Tornou-se ainda “lugar de interesse cultural” pela Resolução 187/2000 da Cidade Autônoma de Buenos Aires e Monumento Histórico Nacional pelo Decreto nº 231/07.

12 MONUMENTOS Y LUGARES HISTORICOS, Decreto nº 349/99. In: <http://infoleg.mecon.gov.ar/infolegInternet/anexos/55000-59999/57084/norma.htm> (Acesso em 30/04/2013).

Figuras 1 e 2: Detalhes do prédio do Museu Evita



Fonte: Fotografia Janaina Mello (2012)

A fachada do prédio do Museu Evita, embora possua uma cor sóbria acinzentada, combina elementos de ambos os estilos renascentistas plateresco e italiano (figuras 1 e 2).

El Plateresco es un estilo arquitectónico, caracterizado por ser únicamente del Renacimiento español. Según datos históricos se afirma que este tiene sus orígenes a principios del siglo XV, extendiéndose dos siglos más. Muchas de las edificaciones de la época le dieron constante aplicación a este estilo. Muchos le llaman combinación, aunque también se conoce como fusión. Es conocido como fusión, porque se encuentran mezclado el mudéjar y el gótico flamígero.

Aquí se encuentran incluidos, algunos elementos utilizados en las decoraciones de la época, como son escudos, pináculos y fachadas. Dicho estilo reúne elementos renacentistas, específicamente las columnas y algunos que otros elementos decorativos. Las fachadas de este estilo se caracterizan por ser muy adornadas, como si fueran de orfebrería, y el interior de los edificios es de estilo gótico. Otros adornos que se encuentran en este estilo son las coronas y frutas. Algunas de las construcciones que emplean este estilo son: la fachada de la Universidad de Salamanca, el Hostal de los Reyes Católicos Santiago de Compostela, la fachada de la Universidad de Alcalá de Henares, el Ayuntamiento de Sevilla.¹³

13 Estilo Plateresco In: <http://www.arqhys.com/contenidos/estilo-plateresco.html> (Acesso em 30/04/2013).

A casa foi adquirida em 1948 pela Fundação de Ajuda Social Eva Perón para abrigar o lugar de *Tránsito n.º 2*, com a finalidade de amparar mulheres e crianças carentes.

As casas museus assumem determinadas funções sociais que corroboram para a conformação cultural da sociedade. Dessa forma, criam uma identidade institucional sob o signo da reificação do passado, do registro da memória. Guardam parte de uma trajetória, ajudam a sociedade a apreciar as ações humanas e entender o significado de uma vida. Nesses ambientes escuta-se a voz de um passado, observam-se pessoas que viram personagens e fatos que se transformam em histórias. As casas museus não guardam, na realidade elas revelam heranças culturais de um período.

Desse modo, o Museu Evita procura recriar a trajetória de vida e de mito de Eva Perón, destacando sua atuação desde a infância até a morte.

O museu é um lugar onde as pessoas sentem, conhecem e compreendem a trajetória e a obra social de uma das mulheres mais importantes da história do país. Portanto, a missão do Museu é:

Promover a través de modernos criterios museológicos y museográficos la divulgación de la vida, obra e ideario de María Eva Duarte de Perón y del primer peronismo; Resguardar los objetos personales de María Eva Duarte de Perón, en préstamo de uso por parte de la familia Duarte – Álvarez Rodríguez, para su restauración; Recibir, en carácter de donación y/o préstamo, material museológico sobre vestimenta, objetos personales, y documentación de María Eva Duarte de Perón y de su época.¹⁴

O espaço foi traçado com formas modernas e utiliza a tecnologia para trazer a história até o presente.

A expografia, como parte da museografia, “visa à pesquisa de uma linguagem e de uma expressão fiel na tradução de programas científicos de uma exposição” (DESVALLÉES, 1998: 221). É a forma da exposição de acordo com os princípios expológicos e abrange os aspectos de planejamento, metodológicos e técnicos para o desenvolvimento da concepção e materialização da forma.¹⁵

A história de Eva Duarte é comunicada através de treze salas de exposições. Estes espaços encontram subdivididos em exposições de curta (no térreo, duas salas moduladas em três) e de longa duração (no piso térreo, quatro salas e no primeiro andar, nove salas).

¹⁴ Cf. *Site* do Museu Evita In: <http://museoevita.org/index.php/museo/mision>, (Acesso em: 02/05/2013)

¹⁵ CURY, Marília Xavier. **Exposição, concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005, p. 27.

Como num teatro biográfico, ao abrir de cada cortina, cada sala revela uma fase de sua vida, começando pela infância, sua juventude como atriz e, finalmente, sua vida como primeira-dama da Argentina, ao lado de Juan Domingo Perón. Por isso, a nomenclatura das salas são intrínsecas à vida da personagem musealizada: “Eva Actriz – El encuentro con Perón”, “Primera Dama”, “Voto Feminino/Partido Peronista Feminino”, “Ayuda Social Directa”, “Renunciamentito – Final Inesperado”, “La Razón de mi vida”.

Nessas salas, são apresentadas suas lutas pelos direitos cívicos femininos, o trabalho desenvolvido na Fundação, sua renúncia e, inclusive, sua morte.

O museu conta com recursos audiovisuais que repassam os acontecimentos da época em filmes, discursos sonorizados, além de objetos, fotos, documentos e uma infinidade de roupas, calçados, bolsas e outros acessórios pertencentes à Evita.

As paredes das salas reproduzem plotagens com frases e fotos de Evita, mostrando, a todos, o que esses acontecimentos representaram para a Argentina.

Figura 3: subida da escada para o primeiro piso, destacando a frase: *“mi día maravilloso fue El día en que mi vida coincidió con La vida de Peron”*



Fonte: Fotografia Hildênia Oliveira (2012)

O Museo Evita, abriga também o Instituto Nacional de Investigaciones Históricas Eva Perón, o qual é responsável pela organização e pesquisa histórica do acervo.

Figura 4: Placa do instituto de Investigación Histórica Eva Perón



Fonte: Hildênia Oliveira (2012)

O museu foi organizado pela sobrinha-neta de Evita, Cristina Álvarez Rodrigues, tendo exigido cinco anos de intensa pesquisa.

Figura 5: banner da entrada do Museu



Fonte: Fotografia Luana Boamorte Matos (2012)

Na entrada do Museu Evita há um *banner* de sinalização com uma frase que traduz a narrativa expográfica do museu “Mi vida, mi misión, mi destino” (minha vida, minha missão, meu destino), e é com essa epígrafe biográfica-institucional que somos conduzidos em uma viagem pela história de Eva Maria Duarte Peron.

A atual gestão da instituição é composta pela Dra. Natalia Nierenberger (direção do museu), pelo Dr. Gabriel Miremont (curadoria) e pela Arq. Cristina Álvarez Rodríguez (presidência do Instituto Nacional de Investigaciones Históricas Eva Perón).

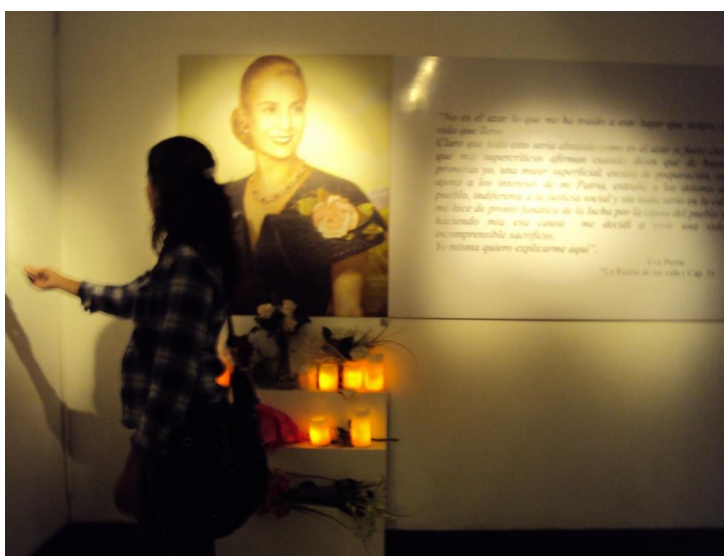
A expografia segue uma ordem cronológica, com exceção da primeira sala transformada em uma espécie de altar com flores, velas votivas e um trecho do primeiro capítulo do livro “*La Razon de mi vida*” que traz o seguinte texto:

No es el azar lo que me há traído a este lugar que ocupo, a esta vida que llevo. Claro que todo esto seria absurdo como ES El azar si fuese cierto lo que missupercríticos afirman cuando dicen que de buenas a primeras yo, una mujer superficial, escasa de preparación, vulgar, ajena a los intereses de mi Patria, extraña as los Dolores de mi pueblo, indifeente a La justicia social y sin nada serio em La cabeza, me hice de pronto fanática de La lucha por La causa Del pueblo y haciendo mia esa causa me decidi a viver una vida de incompreensible sacrificio.

Yo misma quiero explicarme aqui

Eva Peron¹⁶

Figura 6: sala inicial do Museu Evita



Fonte: Fotografia Hildênia Oliveira (2012)

No primeiro piso do prédio estão as salas expositivas sobre infância e juventude e vida profissional, com um acervo muito rico contendo desde caderneta escolar às fotografias da infância, do período de atriz, os livros e revistas expostos em nichos de vidro com iluminação alógena com trilho articulado.

¹⁶ PERÓN, Eva Duarte . *My mission in life*. New York: Vantage Press, 1953, Chapter One.

Nas plantas baixas e altas do museu (figura 6) o visitante pode visualizar todos os espaços percorridos e ainda à percorrer, desde as salas expositivas de longa e curta duração, o auditório, o restaurante, a reserva técnica e as instalações do Instituto Histórico.

Figura 7: Quadro da planta baixa e planta alta do Museu



Fonte: Fotografia Janaina Mello (2012)

Há ainda plantas com sinalização em amarelo com a frase “usted está aquí” informando a localização precisa do visitante, bem como planos de evacuação do recinto em caso de algum risco

Figura 8: Quadro com planta de localização no museu



Fonte: Fotografia Janaina Mello (2012)

O espaço mais emocionante do Museu é a sala da representação do enterro de Evita, uma sala com espelhos e vídeo projetado por um *datashow* cuja narrativa expográfica induz a impressão ao visitante de fazer parte do cortejo, propositalmente posicionada para introduzir o visitante na impressionante história de vida de uma mulher símbolo e da política de um país que nunca mais seria o mesmo depois de Eva Peron, a “Evita”, mãe dos pobres, amada por muitos e odiada por outros.

A “expografia” do piso superior trata da vida política e social de Evita e Perón, as roupas e acessórios, inclusive a roupa usada por Evita quando recebida na audiência com o Papa. Todas as peças expostas possuem uma imagem de Evita utilizando-as, bem como etiquetas explicativas.

Como documentos/monumentos do discurso expositivo estão expostos vários jornais e cartazes produzidos durante o peronismo reafirmando o apoio popular ao governo e à figura de Evita, incluindo livros, revistas e os mais diversos objetos, como velas votivas, exaltando a imagem de Evita, sacralizada diante desses testemunhos, contrapondo-se à imagem de Evita atriz, com álbum de fotografias proibidas pela ditadura militar, reafirmando os antagonismos com as ricas e influentes figuras políticas conservadoras expressos nos discursos de Eva Perón.

Figura 9: vitrine com os vestidos de Eva Peron



Fonte: Fotografia Janaina Mello (2012)

A representação de uma mulher elegante, preocupada com os pobres mas também com sua auto-imagem de primeira dama, elegante, distante da pobreza que vivenciara nas primeiras décadas de sua vida está cristalizada nos vestidos, bolsas, acessórios de maquiagem, sapatos e lenços presentes nos expositores e nos candelabros de cristal que iluminam o recinto com u mar de requinte.

Figura 10: vitrine com acessórios de Evita



Fonte: Hildênia Oliveira (2012)

Ainda no segundo piso encontram-se as instalações de cozinha e dependências com utensílios, pratos, mantimentos diversos, roupas e acessórios da “casa de transito 2”, um acervo original e devidamente conservado.

A disposição dos objetos e os artifícios cenográficos (carnes e grãos artificiais) utilizados pelo museu, conferem legitimidade a sua expografia. Mas, um acervo original requer um cuidado maior, por isso o museu usa revestimento de vidro nos móveis que fazem parte do acervo e ao mesmo tempo servem de suporte para exposição de peças menores, como nos quartos e cozinha, protegendo os objetos de vetores danosos e da própria manipulação indevida por parte de algum visitante.

Figura 11: representação da cozinha da casa de transito 2



Fonte: Fotografia Janaina Mello (2012)

A iluminação é feita por trilhos articulados direcionáveis de lâmpadas alógenas, porém, utiliza-se também iluminação natural em alguns espaços onde essa incidência de luz é possível, sem prejudicar o acervo, pois não incide diretamente nas peças, e com este artifício pode-se climatizar naturalmente alguns ambientes.

O circuito expositivo está acompanhado por textos explicativos em espanhol e se o visitante se preferir pode utilizar áudio guias em português, inglês, espanhol e francês, dando mais acessibilidade aos visitantes. Em sua maioria, os textos expostos são curtos e frases memoráveis estão em destaque chamando o visitante a entrar nesse mundo ascendente vivido por Eva Perón.

O discurso do Museu Evita leva o visitante a uma viagem pela história dos argentinos e a transformação política de uma nação através da vida de uma mulher à frente de seu tempo buscando convencer aos visitantes, do mais apaixonado ao mais cético, que houve um divisor de águas: a Argentina antes de Evita, e depois de Evita.

No tocante à acessibilidade não foi observado nenhum tipo de dispositivo, com exceção de um elevador e os audio guias, que oferecem a possibilidade dos visitantes com deficiência visual e aos estrangeiros do acesso aos diversos textos disponíveis em quatro idiomas.

O Museu Evita em seu papel comunicante, construiu um discurso de um país, e realiza com mérito o que se propõe fazer, que é escrever sua versão de uma História fascinante de uma mulher que viveu várias fases e vários personagens em uma única vida, saindo ou entrando em cena para elevar Perón ao posto de presidente e com isso tornando-se uma das mulheres mais poderosas que a história da Argentina já presenciou.

A própria adoção pelo museu da nomenclatura “Evita” e não do nome próprio “Eva” ou “Eva María” indica não apenas uma opção afetiva, mas sobretudo ideológica que visava desde seu início vivificar o mito, como a própria personagem objeto da instituição declarou ainda em vida:

Quando escolhi ser “Evita” sei que escolhi o caminho do meu povo. Agora, a quatro anos daquela eleição, fica fácil demonstrar que efetivamente foi assim. Ninguém senão o povo me chama de “Evita”. Somente aprenderam a me chamar assim os “descamisados”. Os homens do governo, os dirigentes políticos, os embaixadores, os homens de empresa, profissionais, intelectuais, etc., que me visitam costumam me chamar de “Senhora”; e alguns inclusive me chamam publicamente de “Excelentíssima ou Digníssima Senhora” e ainda, às vezes, “Senhora Presidenta”. Eles não vêem em mim mais do que a Eva Perón. Os descamisados, no entanto, só me conhecem como “Evita”. Eu me apresentei assim pra eles, por outra parte, no dia em que saí ao encontro dos humildes da minha terra dizendo-lhes que preferia ser a “Evita” a ser a esposa do Presidente se esse “Evita” servia para mitigar alguma dor ou enxugar uma lágrima. E, coisa estranha, se os homens do governo, os dirigentes, os políticos, os embaixadores, os que me chamam de “Senhora” me chamassem de “Evita” eu acharia talvez tão estranho e fora de lugar como que se um garoto, um operário ou uma pessoa humilde do povo me chamasse de “Senhora”. Mas creio que eles próprios achariam ainda mais estranho e ineficaz. Agora se me perguntassem o que é que eu prefiro, minha resposta não demoraria em sair de mim: gosto mais do meu nome de povo. Quando um garoto me chama de “Evita” me sinto mãe de todos os garotos e de todos os fracos e humildes da minha terra. Quando um operário me chama de “Evita” me sinto com orgulho “companheira” de todos os homens.¹⁷

Fato que remete ao conceito de nação como uma “comunidade imaginada” por Benedict Anderson, para quem o espírito antropológico perpassa suas limitações e ao mesmo tempo sua soberania. Desse modo, embora todos os membros dessa grande

¹⁷ PERÓN, Eva Duarte . **My mission in life**. New York: Vantage Press, 1953 .

nação jamais se conheçam pessoalmente a construção cultural desse arquetipo lhes dará uma sensação de comunhão e solidariedade¹⁸.

No caso do Museu de Evita, a própria instituição age como um instrumento simbólico dessa “nação peronista” real e “imaginada” personificada por uma mulher e desse modo “o museu e a imaginação museologizante cumprem seu papel eminentemente político”.¹⁹

Casa Museu João Ribeiro e o esquecimento estatal.

Laranjeiras é um município de Sergipe muito próximo à capital Aracaju, cercado por fábricas de cimento é também mantenedor de elementos tradicionais da cultura popular que conferem significado, resistência e identidade aos produtos materiais na arquitetura das igrejas e do Quarteirão dos Trapiches, oriundos da colonização portuguesa – enquanto bens tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) – e imateriais como as Taieiras, o Lambe sujo e Caboclinhos e as danças de São Gonçalo do Amarante, tão comuns à miscigenação étnica de brancos, negros e índios na localidade. Nesse espaço residem também o Museu Afro-Brasileiro, o Museu de Arte Sacra, a Casa Zé Candunga e a Casa de Cultura João Ribeiro.

João Batista Ribeiro Fernandes, nascido em Laranjeiras (SE) em 24 de junho de 1860, foi poeta, folclorista, prosador, poliglota, historiador, gramático, jornalista, crítico e acadêmico. Dedicou-se também ao magistério, como professor no Colégio Pedro II.

Figura 12: Casa de Cultura João Ribeiro (Laranjeiras – SE)



Fonte: Fotografia Janain. Mello (2010)

¹⁸ ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas.** Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Cia. Das Letras, 2008, p.32.

¹⁹ Ididem, ibid, p.246.

A Casa de Cultura João Ribeiro, em Laranjeiras (SE) foi criada através do Decreto 2.726, de 27 de novembro de 1973 e inaugurada em 9 de agosto de 1974²⁰. A atual gestão é exercida pelo Sr. Alberto dos Santos, um guarda municipal local que alçou ao cargo em razão de favores políticos que têm preterido museólogos ou demais profissionais qualificados na área museal para a gestão e conservação do acervo.

Todavia, desde sua inauguração, a Casa Museu João Ribeiro em como finalidade preservar e difundir a trajetória desse intelectual.²¹ Ela abriga atualmente, todo um acervo literário sobre sua vida e obra. Funciona na antiga residência do homenageado que foi transformada em instituição museológica em agosto de 1947. Com uma arquitetura eclética de influencia neogótica presenciada nas formas orgivais das janelas e da porta, a Casa acomoda um acervo que tenta reproduzir dentro da proposta museológica, um cenário familiar.

A Casa Museu tem uma característica própria a este tipo de instituição, permitindo que a experiência ou o experimentar da vivência de uma vida passada seja a ponte principal de comunicação entre os objetos museológicos e os visitantes contribuindo, assim, para uma maior absorção das informações culturais e da memória a ser preservada. Como acredita Albernaz²² a memória é experiência. E ainda para Lúcia Lippi Oliveira²³:

O museu tornou-se lugar de lazer, da cultura de consumo e da estetização do cotidiano. Entra-se nele não só para ver os objetos, mas para tocá-los, para ouvir os sons, para se expor à experiência que explora o mundo fantástico das sensações. E os museus se adequaram aos novos tempos, mudaram a forma de apresentação de seus acervos, oferecendo mais espetáculo e mais consumo.

A casa museu se preocupa então em recompor sua museografia com base na reconstituição do espaço no qual foi originado, no qual foi vivenciado. Dessa forma, a Casa de Cultura João Ribeiro, dentro das limitações de verbas, permite que o visitante seja envolvido por um silencio ritualizado no espaço da memória museificada, como afirma Faria.²⁴

²⁰ COSTA, Marcos de Farias. **Bibliografia crítica sobre João Ribeiro**: (1881-1997). Alagoas: Marcos F. Costa, 1998.

²¹ DANTAS, Beatriz Góis. **Laranjeiras**: entre o passado e o presente. Aula inaugural do Campus de Laranjeiras-UFS. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2007.

²² ALBERNAZ, Maria Beatriz. Como manter vivo um museu casa. In: **Revista Eletronica Jovem Museologia**: Estudos sobre museus, museologia e patrimônio. Ano II, n. 03, fevereiro de 2007.

²³ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Cultura é patrimônio**. Um guia. Rio de Janeiro: FGV, 2008, p.147.

²⁴ FARIA, Ana Carolina Gelmine de. Temas expositivos contemporâneos nos museus. In: **Revista Eletronica Jovem Museologia**: Estudos sobre museus, museologia e patrimônio. Ano II, n. 03, fevereiro de 2007.

Figura 13: Escrivaninha de João Ribeiro na “Sala do silêncio”



Fonte: Fotografia Janain. Mello (2010)

O acervo documental da Casa João Ribeiro registra a vida pessoal e profissional e foi formado a partir de doações da família do escritor. Ele é composto por diplomas, medalhas de condecoração, documentos pessoais, artigos, crônicas, fotos de família, pinturas e alguns móveis. Na “Sala do Silêncio”, encontram-se preservados a escrivaninha onde ele trabalhava, estantes e retratos pintados a óleo. Também podem ser apreciados trabalhos de fotografia que retratam momentos e monumentos históricos da cidade.

A trajetória desse intelectual sergipano pode ser vivenciada através da sua produção textual, documental e da sua coleção bibliográfica. Tanto era produtor como consumidor de bens culturais, dentre as obras adquiridas encontramos poesias, obras didáticas de Filologia, obras de História, de Crítica, de ficção e ensaios. Além disso, localizamos em sua biblioteca alguns almanaques e dicionários.

Ressalta-se que suas atividades lhe renderam certa projeção nacional e reconhecimento local. Assim, podemos identificar no seu acervo cartas de agradecimentos, elogios e pedidos de artigos para serem publicados por diversos jornais como *Jornal do Brasil*, *Jornal do Estado de São Paulo*, e de um número especial da revista *Times* enviado por Lillian Elliot, Belmiro Braga e Lindolfo Gomes. Assim, percebemos que suas produções estavam em evidência e em sintonia com as expectativas nacionais. No entanto, não podemos esquecer que durante as últimas décadas do século XIX João Ribeiro trabalhou no jornal *O Globo* ao lado de Quintino

Bocaiúva e Sílvio Romero. Na realidade, os intelectuais exerciam suas atividades amparadas por uma rede institucional que modelava seus discursos e suas práticas.

Figura 14: João Ribeiro ao lado de Machado de Assis na Academia Brasileira de Letras.



Fonte: Fotografia Janaina Mello (2010).

Na Casa João Ribeiro encontra-se o diploma de membro efetivo da Academia Brasileira de Letras (ABL – RJ), bem como uma fotografia onde aparecem de pé Rodolfo Amoedo, Artur Azevedo, Inglês de Sousa, Olavo Bilac, José Veríssimo, Sousa Bandeira, Filinto de Almeida, Guimarães Passos, Valentim Magalhães, Rodolfo Bernadelli, Rodrigo Octavio, Heitor Peixoto e sentados João Ribeiro, Machado de Assis, Lúcio de Mendonça e Silva Ramos.

O pertencimento a determinados grupos, associações ou mesmo às instituições culturais como Hora Literária, Academia Sergipana de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe possibilitava e até mesmo legitimava suas ações perante seus pares, demonstrando esse fato a quantidade de diplomas de sócio depositada entre seus pertences. Ancorado por sua posição no campo intelectual nacional e sergipano, suas publicações lhe renderam diversas homenagens cujos textos compõem parte desse acervo. Nele é possível identificar recortes de revistas e jornais com artigos que elogiavam suas obras, hinos a João Ribeiro e a programação do Clube Literário fundado com o seu nome. Além dessas homenagens encontramos cartões e bilhetes de agradecimentos, de votos, de cumprimentos e solicitações de pessoas como Fernando de Azevedo, Aníbal Amorim, Tasso Fragoso, dentre outros. O acervo documental preserva também documentos que revelam o processo de criação das obras desse intelectual. Há uma quantidade razoável de rascunhos, parte de livros, crônicas e seus cadernos de anotações.

Dentre os instrumentos que pudesse viabilizar esse contato mais direto com a Casa Museu, identificamos apenas o Catálogo do Acervo Documental Museus da Casa de Cultura João Ribeiro produzido pela professora Verônica Nunes, professor Itamar Freitas e Gabriela Cruz.²⁵

Considerações Finais

Enquanto o Museu Evita foi elaborado como símbolo de manutenção de uma memória em luta contra um esquecimento político que tentou se impor tanto nos períodos ditatoriais na Argentina, quanto em governos que sentiram-se ofuscados pela “força ideológica” do peronismo, principalmente corporificada em Evita. A Casa Museu João Ribeiro em Laranjeiras-SE, esvai-se no esquecimento governamental, como uma ruína de si mesma, onde a memória do renomado intelectual mantêm-se interessante apenas para pesquisadores.

Pensar a relação Casa Museu ou Museu Casa é pensar também como tratamos das formas de vida cotidiana que transitam nesses espaços, quer do passado, quer do presente.

A Museologia e mais propriamente a museografía enquanto vetor de comunicação deve servir ao social, mas sobretudo à salvaguarda do patrimonio cultural material e imaterial. Somente os estudos aprofundados, revelando as propostas de salvaguardas, usos sociais da expografía, bem como falhas em investimentos estatais ou privados poderão iniciar um movimiento efetivo para a alteração das condições de memórias em risco.

Referências Bibliográficas

ALBERNAZ, Maria Beatriz. Como manter vivo um museu casa. In: **Revista Eletronica Jovem Museologia: Estudos sobre museus, museologia e patrimônio**. Ano II, n. 03, fevereiro de 2007.

ALEXANDRE, Marcus. Representaçãp social. A genealogia de um conceito. In: **Comum**, Rio de Janeiro, vol.10, nº 23, julho/dezembro de 2004, pp.122-138.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. Reflexões sobre a origen e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Cia. Das Letras, 2008.

²⁵ NUNES, Veronica M. Meneses; FREITAS, Itamar; CRUZ, Gabriela Zelice de Queiróz. **Catálogo do acervo documental Museu da Casa de Cultura João Ribeiro**. São Cristóvão: UFS/Casa de Cultura João Ribeiro, 1999.

- BANN, Stephan. "A Way of Life: Thoughts on the Identity of the House Museum", Historic House Museums Speak to the Public: Spectacular Exhibits versus a Philological Interpretation of History, **Actas da Conferência Annual**. Demhist – Génova, Demhist: ICOM, 2001, pp. 19–27.
- BARROS, Jose D'Assunção. História comparada – da contribuição de marc bloch à constituição de um moderno campo historiográfico. In: **História Social**. Campinas-SP, nº 13, 2007, pp. 7-21.
- BORRONI, Otelo; VACCA, Roberto. **Eva Perón**. Vida y milagros de nuestro pueblo. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1970.
- COSTA, Marcos de Farias. **Bibliografia crítica sobre João Ribeiro: (1881-1997)**. Alagoas: Marcos F. Costa, 1998.
- CURY, Marília Xavier. **Exposição, concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.
- DAMATTA, Roberto. **A Casa & A Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DANTAS, Beatriz Góis. **Laranjeiras: entre o passado e o presente**. Aula inaugural do Campus de Laranjeiras-UFS. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2007.
- DÍAZ, Martha Susana. **Mulher e Poder**. O caso de Eva Perón na política argentina. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2005.
- FARIA, Ana Carolina Gelmine de. Temas expositivos contemporâneos nos museus. In: **Revista Eletronica Jovem Museologia: Estudos sobre museus, museologia e patrimônio**. Ano II, n. 03, fevereiro de 2007.
- FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Ver a cidade**. Cidade, imagem, leitura. São Paulo: Nobel, 1988.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989.
- MASCARO, Cristiano. **A fotografia e a arquitetura**. Dissertação de Mestrado/Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo: FAU-USP, 1994.
- NAVARRO, Marysa. The Case of Eva Peron. **Signs**, Vol. 3, No. 1, Women and National Development: The Complexities of Change (Autumn, 1977), pp.229-240.
- NUNES, Veronica M. Meneses; FREITAS, Itamar; CRUZ, Gabriela Zelice de Queiróz. **Catálogo do acervo documental Museu da Casa de Cultura João Ribeiro**. São Cristóvão: UFS/Casa de Cultura João Ribeiro, 1999.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP. N° 10, 1993, pp.7-28.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Cultura é patrimônio**. Um guia. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

PERÓN, Eva Duarte . **My mission in life**. New York: Vantage Press, 1953 .